



Kyrial

no. 10

Kyrial

ISSN 1982 - 1085

ANO X - Número 10

Setembro de 2017

revistakyrial@outlook.com

Facebook: Revista Kyrial

revistakyrial.weebly.com

conselho editorial

Allan Sacheto

Angela Cruz

Camila Bragion

Camila Melare

Gabrielle Marcelino

Jefferson Souza

Julia Armelin

Julie Lima

Jullyana Matos

Rafael Vinicius

Roger Rodrigues

colaboradores

Maria de Fátima Silva Amarante

Tereza de Moraes

revisão

Tereza de Moraes

capa

Allan Douglas de Oliveira

contra capa

Miguel Rodrigues

projeto gráfico

Beatriz Montenegro

autores

A.B.

Allan Sacheto

Ana Almeida

Bianca Torre

Camila Melare

Caroline Rocha

Carol Mantovani

Emanuelle Caroline de Amorim

Gabrielle Vieira Marcelino

Janaina Coriolano

Jaqueline Berganton Rodrigues

Bronze

Jefferson Lobato de Oliveira

Jefferson Souza

KarolBorraschi

Larissa Balbino

Marcelo Mantovani

Maria Clara Catini

Maria Eduarda Cardoso

Mariana Calegari

Raquel Viana

Simone Pedersen

Tereza de Moraes

Vitória Seidel

Viviane Vieira

ilustradores

Allan Douglas de Oliveira

Arima Rayana Felicio Rossi

Carriero

Felipe Lima

Gabrielle Marcelino

Isa Whitaker

Júlia Morelli

Miguel Rodrigues



Ilustração por Allan Douglas

Aniversário

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa.
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 284.1ª publ. IN: Presença, nº 27. Coimbra: Jun.-Jul. 1930.

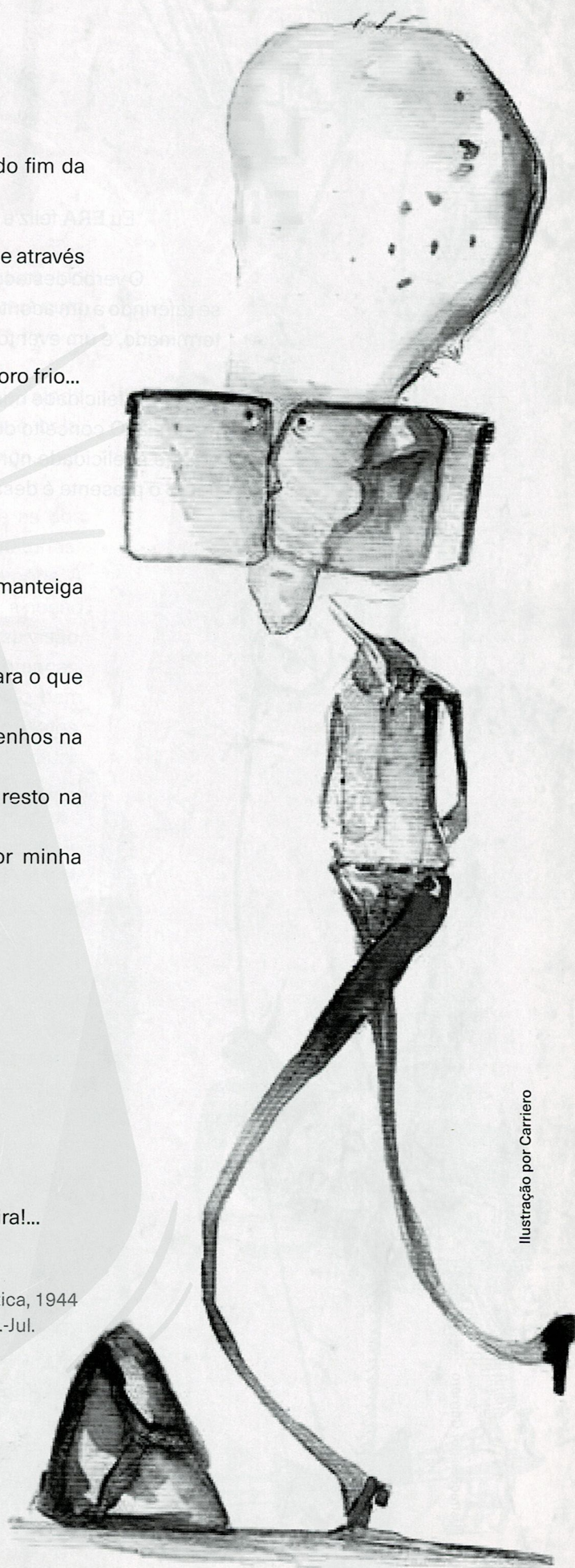
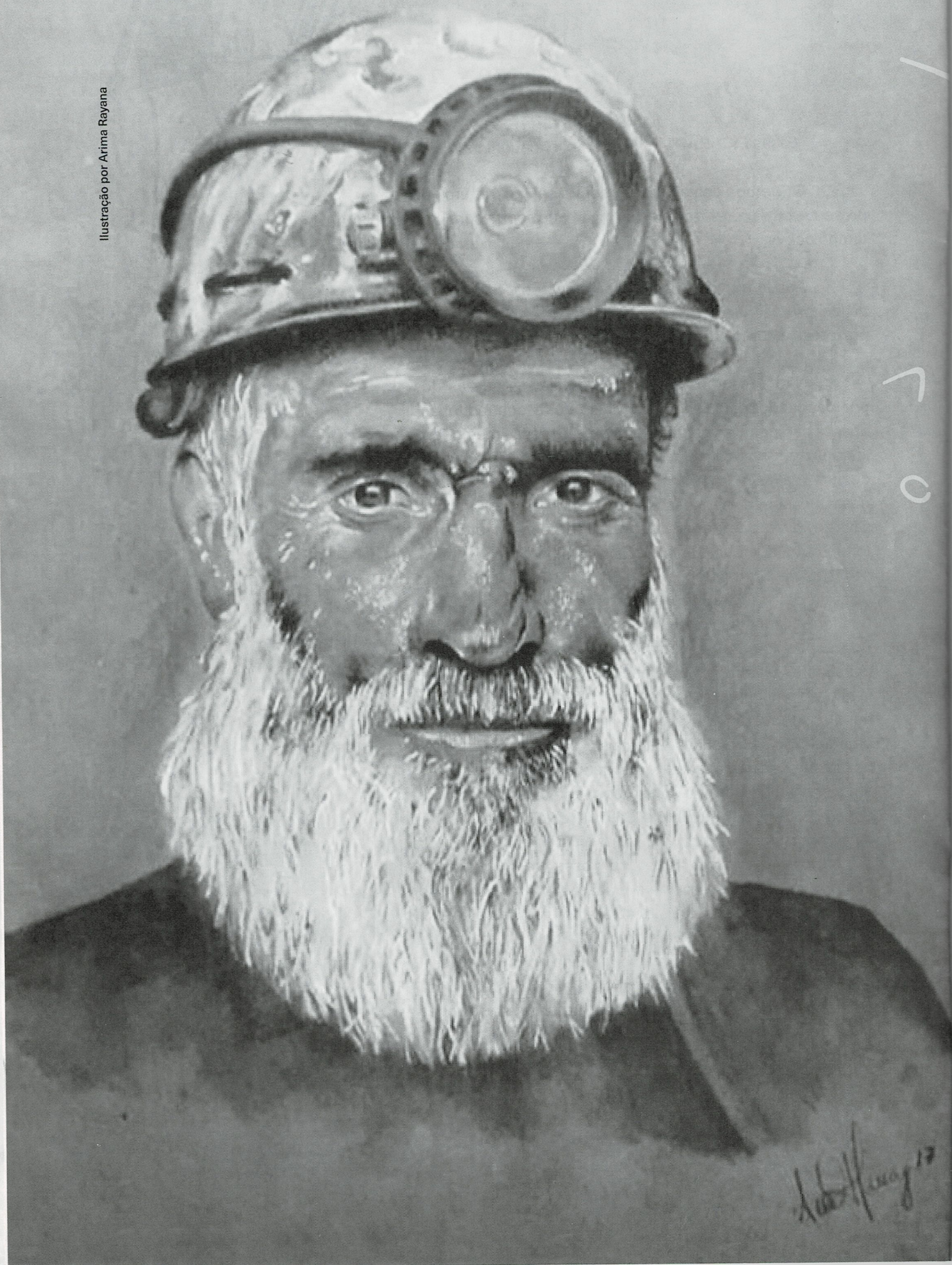
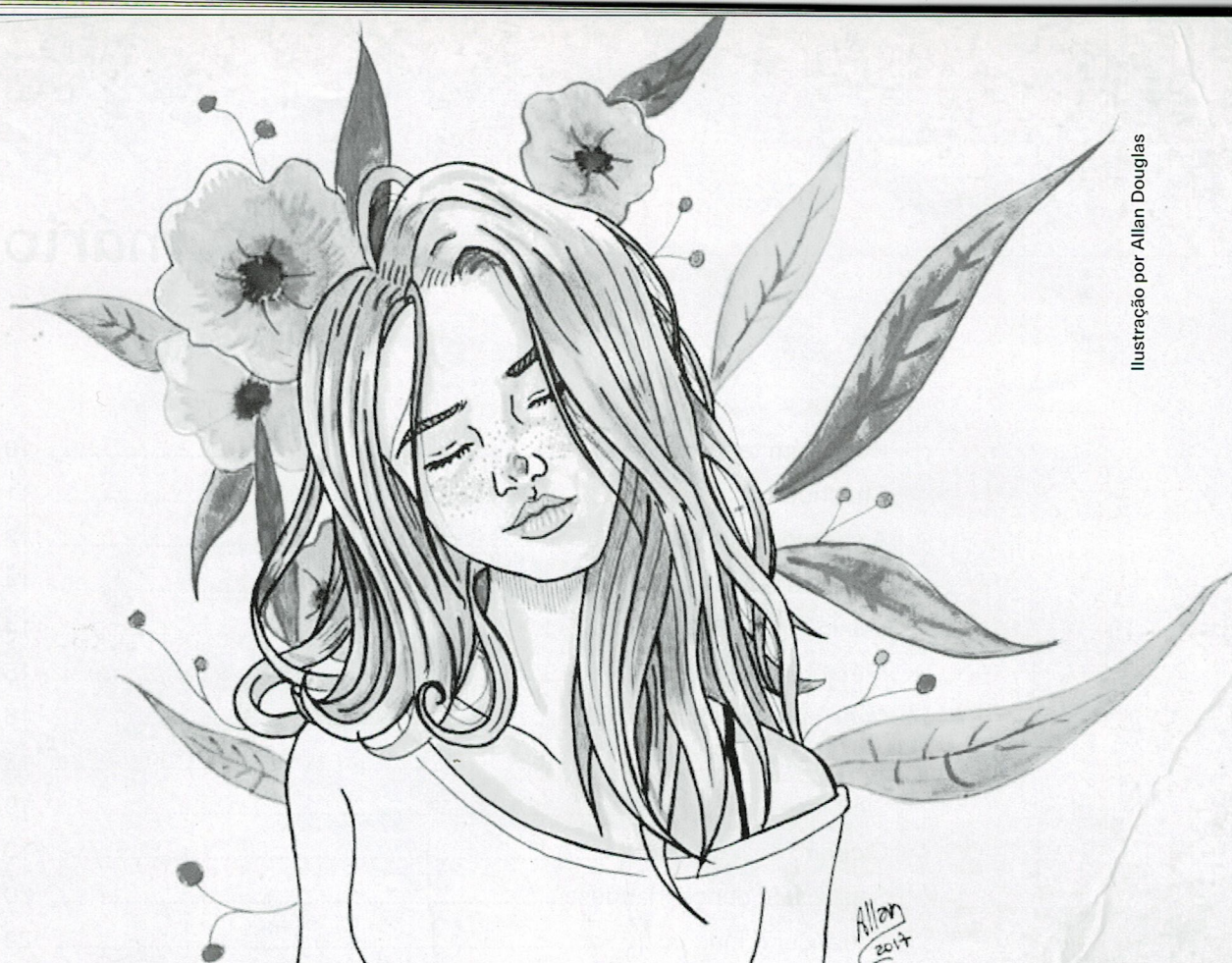


Ilustração por Carrero



sumário

Houve um tempo, uma rosa	10
Childhood	11
A caixa de Clair	12
Confissão	14
Velhice	14
Memorial lastimável	15
Cada curva uma saudade!	16
Sem título	18
Simbiose	19
O cheiro do baú	19
Sapatos de dança irlandesa	20
Entrançar o mar	22
Retentiveness	23
Devaneios e borboletas	24
Voe alto, mulher	25
Cold memories	26
A gente só... ..	27
Hanahaki	28
A importância da memória	30
Caixa de memórias	32
Saudades	34
Teoria dos mundos	35
Sem título	36



Houve um tempo, uma rosa

Perdida no emaranhado de meus pensamentos, houve um tempo em que as coisas eram mais fáceis. Nunca parei tanto para pensar naquilo que eu sinto ou que deixei de sentir, nas dores que colocam meu coração em lágrimas. Houve momentos em que não quis mais estar aqui ou ali. Eu quis estar e ser notada, mas antes de qualquer coisa eu deveria ter-me notado. Notar que eu posso, sim, demonstrar meus sentimentos, eu posso sentir, pulsar, vibrar. Eu deveria ter notado que toda minha insegurança não vem de uma simples timidez, vem de temores maiores e anteriores. Deveria ter procurado com quem conversar mais cedo, ter-me exposto. Expor-me é tão doloroso quanto uma faca rasgando minha carne. Congela-me, desnuda-me. Aquela que um dia fui, perdeu-se pelo caminho, hoje me sinto melhor, madura, mais alegre, mas com cicatrizes. Sinto um tesão tremendo pela vida. Sinto aquela insegurança percorrer cada milímetro do meu corpo. Eu me perco em olhares, perco-me em ilusões. Houve um tempo em que eu apenas brotava, eu apenas crescia, eu apenas enxergava o que estava a minha vista. Houve um tempo em que o escuro me dava medo e que o futuro era a escuridão mais chocante. Hoje aquilo que enxergo vai além da vista, dos sentidos, dos pesares. O que sinto vai além das palavras. Hoje desabrocho, viva, consciente. Houve um tempo em que era semente, hoje sou rosa.

Carol Mantovani

Childhood

Quando se é criança, o pouco é muito. Quando se é uma criança criativa, o quintal da casa da vó é uma grande floresta a ser explorada, onde há muitas borboletas para caçar.

Quando se é criança, o primo grande passa a ser um gigante superincrível, forte, que pode fazê-lo voar!

Quando se é criança, as cabanas montadas com lençóis, no meio da casa, eram as maiores mansões e castelos protegidos.

Quando se é criança, a roupa dos adultos é engraçada; o melhor escorregador são as pernas dos avôs, o melhor pão é o que você espera por horas na beira do forno ficar pronto.

Quando se é criança, os ursinhos são grandes e fofinhos; as bicicletas são motos super velozes!

Quando se é criança, pode dizer que vai chorar só um pouquinho e chorar a noite toda.

Quando se é criança, o balanço é a coisa mais legal e radical do mundo!

Quando se é criança, a melancia é mais gostosa e as sementes viram novas melancias.

Quando se é criança, o amor é dobro, as memórias são mais coloridas, a vida é mais leve...

Quando se é criança, você apenas é e apenas tem heróis, mas então você cresce e se torna um adulto chato.

Karol Borraschi

Save
Me

Ilustração por Gabrielle Marcelino

A caixa de Clair

"Assim que acordar, explore a caixa", dizia o cartão. Sentada à penteadeira, Clair respirou fundo e abriu a caixa retangular. Dentro encontrou papéis de diversos tamanhos, três fotografias e um envelope. Examinou as fotografias. Muitas crianças sorriam posicionadas. Usavam uniforme preto e laranja. Quarenta e dois meninos e meninas, contou. Crianças. Doze anos talvez. No verso, escrito a mão: "Já estamos com saudades. Volte logo, dona!". Na foto seguinte duas pessoas posavam sorridentes. "Recém-casados" anotaram no verso em letra redondinha. Sem data. Procurou traços familiares nos rostos. O homem era jovem, moreno, parecia feliz. A mulher tinha cabelos crespos, olhos claros, vestido de noiva, feliz também. Com um sobressalto reconheceu-se. Era ela! Em seu casamento! E o rapaz se parecia com Guto. Que absurdo! Ela não se casaria com o Guto. Nunca. Impossível. Jamais. Guto tinha chulé, arrotava depois de beber Coca e soltava pipa o tempo todo. Guto era o menino mais idiota da rua. Guto roubou sua boneca e enterrou no formigueiro uma vez.

Guto. Guto. Guto? Era mentira, não era ela. Mas era. Então não era o Guto. Não podia ser.

Passou à fotografia seguinte. Um casal idoso, dois homens com cabelos crespos, uma moça magricela, cinco crianças (até bonitinhas). No verso: "Mamãe e papai, essa é a foto que tiramos no aniversário de casamento de vocês, acho que trouxe sem perceber. Estou com saudades e louca para voltar. Amei o Japão. O postal já chegou? Beijo para meus irmãos feiosos (rs), para vocês e para os sobrinhos mais lindos do mundo. Amor, Mia".

Clair devolveu a foto à caixa. Por que essa Mia escreveria em uma foto? E por que ela tinha essa foto? Não conhecia aquelas pessoas.

Pegou um pedaço de papel. Era um bilhete.

"Clair, precisei sair cedo. Deixei café para você e tem queijo na geladeira. Amor, G."

Quem diabos era G.? Pegou outro bilhete.

"Professora Clair, te desejo um Feliz Natal e boas férias. Vou para Salvador dia 19, em fevereiro conto tudo! Júlia, 9º ano B".

Professora? Mas ela não era professora! Credo. Mil vezes credo.

"Prezada mãe, peço que compareça amanhã ao colégio, às 8 da manhã, para conversar sobre o comportamento do aluno Gabriel. Sua presença é imprescindível. Professora Eunice."

"Feliz dia das mães! Amor, Juan."

"Clair, valeu não ter me levado para a diretoria. Não vou colar nunca mais. Daniel."

"Dona Clair, valeu por não ter contado nada a minha mãe do beijo. Gosto muito do Gabriel e quando crescer ele vai casar comigo. Priscila."

"Mamãe, a Pati daqui do condomínio está pedindo para você deixar eu ir dormir na casa dela no sábado. A mãe dela sabe e deixou dessa vez. Ela precisa de uma resposta logo. Me fala que eu aviso para ela. Seja rápida que ela tá com pressa. Mia".

"Mamãe, estou na academia, não deixe o papai fazer panquecas! Preciso entrar no vestido! Mia".

"Vovó, estamos adorando o sul. Papai não está escrevendo hoje. Amélia e Isabel estão com gripe. O tio Gabriel ligou para contar que o Gustavo nasceu, ele já te contou? Comprei gorro de pelúcia para você. Vou fazer 6 anos amanhã. Quando eu voltar você faz bolo de cenoura? Papai não gosta, mas a tia Mia já vai ter voltado e ela gosta. Gostou do gorro? José".

"Clair, agradeço pela roupinha, vai ficar perfeita na Elena. Priscila".

"Mamãe, fui buscar a Mia no aeroporto. Faz bolo de chocolate? Juan". "Mamis, valeu pelo skate. Amo você, Gabriel".

"Profe, espero que esteja gostando do Egito. Vou deixar essa carta na sua caixa de correio para ler quando voltar. Ontem vi um programa na tv, era sobre as baleias. Você também assistiu? Depois me conta se gostou. Helen".

"Clair, nos conhecemos desde sempre, gosto de você, minha mãe gosta de você, a sua mãe já me

perdoou pela boneca no formigueiro, seu pai torce pro mesmo time que eu. Temos tudo a ver. Namora comigo? Guto. PS: o bombom é o seu favorito.”.

“Professora, parabéns pelo bebê! Volta logo para a escola. 7º ano A”.

Clair parou de ler. Estava sem ar. Ainda restavam centenas de bilhetes na caixa. Olhou ao redor assustada. O que estava acontecendo? Na caixa, o envelope estava endereçado a ela, reconheceu sua letra e abriu.

“Sou Clair, brasileira, sessenta e três anos, bióloga, professora, mãe de três filhos (Mia, Gabriel e Juan), avó de cinco crianças lindas que não param de crescer (Amélia, Isabel, Elena, Gustavo e José), esposa do meu querido Guto (o que morava na minha rua quando eu tinha uns dez anos e que enterrou minha boneca favorita. Pasm.). Aos 58 anos sofri um acidente automobilístico, fraturei o crânio e desde então tive minha memória afetada. Há dias em que não me lembro da minha família, outros reconheço meu esposo e penso que ainda somos crianças. Outros dias não sei quem sou, entro em desespero ao olhar o espelho e ver uma senhora, não uma adolescente. Às vezes, como hoje, recordo cada bom momento da minha vida. Sempre gostei muito de trocar bilhetes com as pessoas que conheci no decorrer das décadas, guardo todos, creio. Há dois anos comecei a reunir esses bilhetes em um livro de memórias, são muitos, por isso Guto me ajuda com a scanner. Centenas ainda não foram anexados e permanecem na caixa. Com minha memória instável, muitas vezes, de acordo com meu querido esposo, são os bilhetes que me ajudam a assimilar os fatos. Minha pretensão é que quando eu já não estiver aqui ou não me lembrar das pessoas que amei – e que me amaram – haverá uma prova da minha história. Da nossa história. Clair.” Clair dobrou a carta e a devolveu ao envelope com as mãos trêmulas. Olhou para a caixa e percebeu que precisava de mais. Pegou outro bilhete.

Viviane Vieira



Ilustração por Arima Rayana

Confissão

O silêncio me confessou histórias que eu já sabia.
Debochado, quis marcar presença.
Fantasiou-se de penas brancas e voou longe.
Não percebeu que deixou ovos no ninho.
Deles nasceram recordações que não sabiam voar.

Simone Pedersen

Ilustração por Gabrielle Marcelino

Velhice

Com o passar dos anos, minha biografia amarelou
como meus dentes.
A memória embranqueceu como meus cabelos.
O passado escureceu como meu futuro.
Os filhos cresceram, casaram-se e mudaram-se.
O cachorro morreu, o gato também.
Até o pó se retirou para lugares onde abrem as
— janelas..

Simone Pedersen



Memorial lastimável

Que dizer sobre as lembranças que rememoram momentos que outrora me fizeram sofrer?

Como posso seguir em frente se me prendo aos infortúnios passados?

Recorro às minhas inseguranças anteriores sempre que me sinto inseguro.

Me arrependo a cada instante de cada escolha feita.

O problema se deve a minha covardia de mudar.

E a covardia se deve ao medo de escolher diferente.

Marcas indeléveis são minhas memórias.

Ponta de compasso alinhado que produz um círculo perfeito,

No entanto a perfeição já não mais me seduz.

Quero viver intensamente.

Ou isso, ou morte.

Sinto vontade.

E isso dói n'alma por não se efetivar.

Não é uma questão de apenas seguir em frente com coragem,

Mas sim de pelo menos seguir.

Quero esquecer.

Apagar as memórias que me assolam.

Desprender-me dos desejos não realizados.

Das vontades que voam nas nuvens que não pude tocar.

Suma vontade.

Ó esplendorosa vontade.

Desapareça.

O dispositivo de memória tem falhado comigo

A ponto de me fazer chorar.

Memória tem sido sinônimo de calamidade.

Não quero entrar no aspecto depressivo ou pessimista,

Apenas quero buscar por forças para não desistir desse mundo.

Esse mundo é o único que tenho

E não quero outro.

Não enquanto puder viver intensamente.

Tenho perscrutado por essa intensidade

Acredito tê-la encontrado,

Mas sofro.

Porque resolvi deixá-la partir com medo de frustrá-la.

E aqui me encontro assemelhando memória ao medo.

Lamentos às estrelas.

Lamentos à Lua e ao Sol.

Lamentos ao mar.

Lamentos à brisa e ao vento.

Lamentos aos entes queridos.

E que os amigos me perdoem e não me desamparem.

Salva-te òpseudo-alma se puderes.

Se tiveres outro mundo busque-o viver.

E não se lembre.

As memórias podem ser derradeiras.

Jefferson Lobato de Oliveira

Ilustração por Allan Douglas

Cada curva uma saudade!

— Entre para tomar lanche, Feiurinha. Preparei os croquetes que você gosta.

Assim que entrei fui direto para a mesa, na qual uma travessa com muitos croquetes me esperava, acompanhados de groselha.

—Teté, eu queria que me contasse uma história de quando você era professora no sítio, pode ser, vó?

— Sim, enquanto você come, eu conto...

Uma vez, há muito tempo, logo que havia escolhido dar aulas no sítio, fui lecionar em Sales, uma cidade no interior de São Paulo, próxima a Novo Horizonte. Naquela época era costume a professora passar de sítio em sítio, todos os dias, para chamar as crianças para irem à escola. Pela escola estar localizada na zona rural e pela ausência de professores, não havia salas de aula separadas, então eu tinha alunos de todas as idades para ensinar. Minha escola era um barracão de madeira situada na beira da estrada de terra vermelha que dava acesso à cidade.

Certa tarde eu estava dando aula quando um dos meninos perguntou:

— Professora, a senhora está ouvindo esse barulho?

— Sim, Pedro, mas não imagino o que seja, você saberia dizer?

— Sim, senhora. É o som de uma boiada estourada. Precisamos sair daqui, a escola não vai aguentar. São muitos bois.

Eu me assustei, mas não podia demonstrar esse medo para as crianças. Aparentando uma calma inexistente disse:

— Certo, reúnam seus materiais o mais rápido possível e vamos para a cidade. Quero todos atrás de mim e andando bem rápido. Miguel e Antonieta, deem-me as mãos. Façam o que eu fizer, e ninguém olhe para trás.

Eu tirei meus sapatos de salto e saímos em direção à cidade, o mais rápido que podíamos andar. Eu olhava para as crianças e elas estavam assustadas. Sentimos o chão tremer, e quando me virei já

enxerguei a boiada vindo em nossa direção; era uma densa nuvem vermelha e barulhenta. Pedro, ao meu lado, gritou para sairmos da estrada e irmos em direção aos sítios. Agarrei bem apertado as mãozinhas de quem eu segurava e fui em direção a uma bifurcação. Todos atrás de mim, agora apavorados, gritavam e corriam o máximo que podiam.

Nesse momento, uma senhora abriu a porta de sua casa e ordenou:

— Por aqui, entrem! Estarão seguros.

Dentro da casa as crianças, amedrontadas, abraçavam-me. Ouvimos e, pela janela, vimos a boiada passar envolvida pela poeira que se elevava a mais de dois metros. Uma cena arrebatadora com uma boiada violenta, grande e feroz. Os bois destruíam tudo o que estava a frente. Assustador. Passavam tão perto que, além da casa balançar, consegui ver o sinal em suas orelhas: uma libra com dois cortes.

Durante a passagem da boiada, percebi que algumas mulheres tentavam acalmar as crianças, colocando-as no colo, e dando água e doces. Foi nesse momento que percebi que nós havíamos entrado em um bordel, e as moças, todas compostas, estavam sendo, extremamente, gentis e educadas. Depois que a boiada passou e nós já nos acalmáramos, agradei. Antes de sair, reparei outras duas crianças, em idade escolar, esquivando-se de nós.

— Quem são essas crianças? Por que não vão à escola?

— São filhos de mães solteiras e de pais desconhecidos. Nasceram aqui e vivem conosco. Nunca foram aceitas na escola.

— Pois bem, arrumem-nas com calça, camisa e calçado. Oriente-as para não comentar, com ninguém, nada do que veem aqui dentro e, amanhã passarei para pegá-las. Irão aprender a ler, a escrever e a contar. Serão iguais a qualquer criança. Na volta para a estrada, fomos cantando e descontraídos, até que Pedro me alertou:

— Cuidado, professora! Aí é um poço muito fundo. Veja, um boi está lá dentro.

— Nossa, ainda bem que não passamos por ele

enquanto corríamos! Realmente, muito perigoso. Os alunos começaram a rir.

— Por que estão rindo?

— Professora — falou Pedro — esse é o caminho que fizemos quando saímos da estrada. A senhora e todos nós pulamos o poço.

— Como assim? Por que todos nós pulamos? Eu não acredito.

— É verdade, professora, a senhora pulou esse poço segurando o Miguel e a Antonieta e, como disse para que a seguíssemos, todos nós pulamos. Assenti e fiquei imaginando como eu e quinze crianças havíamos feito aquilo. Entreguei as crianças em suas casas, e todos os pais ficaram muito agradecidos.

Na manhã seguinte, enquanto recolhia as crianças, recebia presentes – em espécie: laranjas, maçãs, repolhos, batatas, galinhas e melancias. Ao chegar a escola, mais um susto: ela havia sido destruída. Eu tentava conversar com os alunos para onde transferiríamos nossas aulas quando um senhor se aproximou de mim:

— Com licença, professora. Sou José de Castilho, dono da fazenda Saltinho, a maior da região e com a maior boiada de gado redsindhi, a mesma que lhe causou todos esses danos. Já conversei com a diretora e, a senhora consegue enxergar aquele caminhão azul se aproximando? Pois bem, enquanto a escola estiver em reforma, a senhora e seus alunos serão bem recebidos em uma sala de aula improvisada em minha fazenda, e garanto que longe de toda boiada. Esse caminhão ficará à sua disposição para levá-los embora e trazê-los todos os dias. Lá haverá merenda para todos.

Em poucos meses o fazendeiro reergueu a escola, mas com um diferencial: agora as paredes eram de tijolos. Comprou carteiras e materiais novos. E assim, entre mim e o fazendeiro nasceu um grande amor que hoje vive na lembrança.

Quando eu era pequena, Teté, você costumava me contar suas histórias. Agora, dez anos após a sua morte, são essas lembranças que me restam. Entre lágrimas coloquei um botão de rosa sobre seu túmulo. Parti e ali, na curva, lembrei-me de mais uma história... Histórias essas jamais perdidas na

estrada e sempre contadas e lembradas em cada curva dessa longa estrada de cem anos, que viverão muito mais em minhas lembranças.

*Em memória de cem anos de Nadyr da Conceição
Freitas Veiga (Teté)*

Caroline Rocha



Ilustração por Júlia Morelli

(Sem título)

Sempre disseram daquela menina que ela era mais que alguma coisa que pretendiam dizer. Diziam que as coisas que eram dela não estavam prescritas nos jornais ou bula dos remédios que tanto tomava. Agora, pensando bem, veio-me uma ideia: tinha fragilidades de impossível e infinitos. Usava de sorrisos para cativar um público que nem queria para perto de si, mas não se controlava. Lembro bem de seus cabelos pretos e olhos mais negros ainda. Refletiam no espelho como uma coisa quase irreal. Um dia a flagrei sussurrando seu nome: assim, duvidando que existia. Não se encontrava quando abria os olhos de manhã e passava as outras horas do dia com essa esperança: não sabia bem o que procurava.

Morava na esquina de duas avenidas sem nome. As moças da rua chamavam-na para cafés de fim de tarde e, por se sentir obrigada, ela bebia. Achava que era precisa e necessária esse tipo de relação: fazer-se uma boa imagem que cuidasse de não ser transparente. No fundo ela era só uma coloração blue de um útero crescido em amarelo. Eu, que a observava do amanhecer até a madrugada pela janela de um prédio cinzento, sabia o quanto penava a menina da rua; e o quanto sua voz se fez bonita para acabar com sua vontade de silêncio.

Se fosse minha, a decisão, eu escreveria um pedido de casamento num bilhete feito de papel de avião, lançaria da minha janela à dela e esperaria suas malas chegarem de mudança: para salvá-la mesmo das imposições dos homens. Logo eu, em tanto parecido com ela. Mas com um ímpeto incontrolável de salvar essas pequenas pessoas do mundo das grandes pessoas. Mesmo sendo já um caso perdido de gente pequena que, por força de tempestade, cresceu.

Ainda hoje não sei o nome dela. Dizem as vizinhas que saiu da rua, da casa, da cidade. Foi pra fora. Ganhar a vida. Perdeu. E, hoje, os meus dias se contentam em observar as rodas de feno voando pelo quintal, o cachorro que não late, a mãe preparando o café-de-uma-só-pessoa.

Às vezes ela volta para visitas de finais de semana

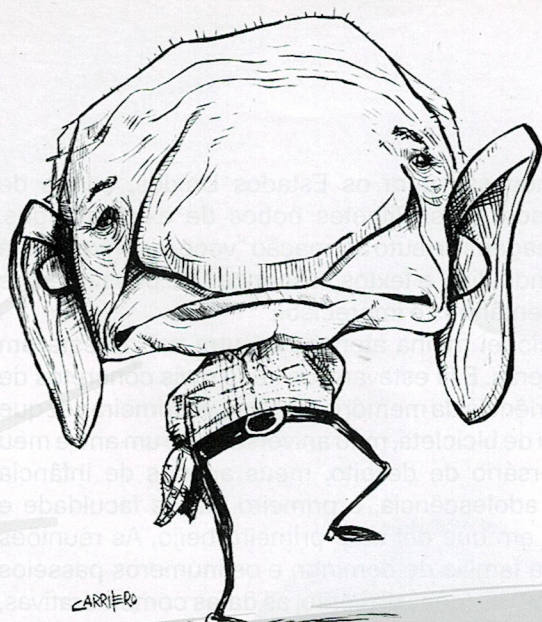
e aí é festa, banquete, música. Mas carrega uma aura feita da mesma melancolia que pinta esses encontrosdespedidas; e ninguém chora, porque as lágrimas não dariam conta do registro. Uma tristeza-além toma conta de quem já tomou conta dela, o espaço entre os corpos deixa prever a morte e todos pensam em segredo: gente assim deveria ser eterna.

E é só no parágrafo seguinte que elas morrem, mas continuam infinitas.

Vitória Seidel



Ilustrações por Carriero



Simbiose

Fui gerada na dor, durante algum tempo pequena, amorfa. Permaneci onde estava, você me alimentou. Desenvolvi-me, cresci. Era sólida em você, magoava-o, torturava-o. Estava nos copos d'água, nos bocados de comida. Até que explodi, nasci, escoeí pela boca em forma de palavras duras, joguei-me, através de falas rancorosas, na face daquele que me fez nascer em você. Escorri até a última lágrima, mas não morri ali, naquela discussão.

Percebi-me uma Fênix, renascendo, contudo diferente. Retornei. Agora leve, bela. Resiliente. Não mais escondida, mas estampada no seu rosto em cada sorriso, riso e olhar. Em meio à rotina do dia a dia me fiz presente em muitos momentos desconcertando-o, desconcentrando, descontrolando. Ansiando pelo reencontro. Explodi. Você ligou, responderam-lhe. Mas eu não morri, não escoeí, não escorri. Transcendi.

E nessa transcendência percebi que sou mais velha do que pensava. Venho de outras formas, de outras percepções, fui e sou ao mesmo tempo. Sou heterogênea em mim mesma. Triste, alegre, pequena, grande, sólida, fluida, apaixonadamente amante, apaixonadamente eu.

Eu sou você. E você sou eu. Somos feitos um do outro, uma existência dialética, dialógica, dupla e única ao mesmo tempo. Somos simbiose.

Porque eu sou feita da sua existência, e você existe pois é feito de Memórias.

Jaqueline Berganton Rodrigues Bronze

O cheiro do baú

Senti cheiro de morte ao abrir o baú. "E como é que é esse tal cheiro?" - Você me pergunta. Ué, nunca viu uma morte de perto, não? Falo morte, morte mesmo! Não gente morta. Gente morta é quando a morte já aconteceu. Não gente pra morrer, também. Gente pra morrer é quando a morte tá pra acontecer. Tô falando do momento da morte.

Eu quero dizer, imagine que há um bolo no forno e em determinado momento sobe aquele cheiro que faz a gente deduzir que o bolo está pronto. O momento em que sobe o cheiro da morte é parecido. O momento, não o cheiro. O cheiro tá mais pr'aquela que sobe no momento em que você abre aquele baú. "Que baú?" - O MEU baú, porra!

Eu preparava amudança e as coisas iam bem. Altas expectativas de que tudo ia caminhar dali em diante. Eu sentia cheiro de avanço. "E como é esse tal cheiro de avanço?" - Não me lembro. O cheiro de morte me fez esquecer.

Entre uma pilha e outra de roupas velhas, o armário ia esvaziando e a mala ia enchendo, eis que ele estava ali, esquecido em um dos compartimentos daquele guarda-roupa que eu nem me lembrava da última vez que havia arrumado.

Então eu, que até aquele instante acreditava que passaria a ser um 'eu' diferente com aquele passo que estava dando, senti-me tentado a pegar aquele baú e escancará-lo mesmo sabendo que seu efeito seria fatal para o tal 'eu' que eu almejava. Naquele momento eu só jogava na minha própria cara o tamanho da minha burrice.

"Agora vai!" - NÃO! "Hora de desapegar" - NÃO! "Eu devia ter enterrado essa merda!" - Talvez!

Eu escondi uma vida naquele baú e chamei de morte. Ao abri-lo, nem mesmo desviei da poeira e do cheiro que subiu. Eu me lembrava que o cheiro de dentro baú não era tão ruim quando eu ainda chamava aquilo de vida.

Jefferson Souza

Sapatos de dança irlandesa

Era segunda e eu estava cansada. Cansada do sol que não aparecia há dias, cansada do trânsito de São Paulo, cansada das notícias sanguinolentas da televisão. Estava cansada dos abraços sem afeto, dos beijos sem paixão e dos relacionamentos sem compromisso, cansada dos caminhos absurdos de todos os dias, que nos levavam a lugares em que não queríamos estar. Cansada estava dos olhos que olhavam, mas não enxergavam um palmo sequer, e das bocas que falavam incessantemente, mas nada diziam. Olhei para o quarto, pela vigésima vez na semana, e suspirei aborrecida. Aquelas caixas, amontoados de objetos esquecidos, pilhas de fotos desbotadas, produtos que não já mais eram vendidos, móveis que o pó agasalhara com o passar dos dias, discos que ninguém queria mais ouvir, cartas que não precisavam ser lidas, memórias, e inúteis.

Adiei algumas estúpidas horas e deixei-me esquecer, assim como me esquecera das caixas e dos versos de amor. Levantei-me de sobressalto com um pesadelo em mente e um filme de terror passando na televisão. Tomei uma xícara de café, uma quantidade que fez minha gastrite lembrar que ali vivia, e entrei no quarto. O cheiro de poeira me fez espirrar e tive vontade de adiar mais. Não podia, prometi no verão passado que me livraria de tudo aquilo, sem nem pensar duas vezes. Estava decidido.

Abri a primeira caixa, encontrei meu primeiro urso de pelúcia, já com os olhos caídos e os remendos em relevo com as cores mais diversas, aquelas que minha mãe encontrara nas linhas para costurar seus acidentes diários. Lembrei-me como aquele urso me confortava nas noites em que eu tinha medo, e como ele havia me ensinado o conceito de amizade durante anos. Havia outros brinquedos, bonecas do meu aniversário de cinco anos, vários instrumentos a pilha que formavam minha banda, peças de xadrez e quebra cabeça. Abri outra caixa e encontrei cartas. Envelopes com glitter, pequenos, enormes, com selos engraçados, e pedaços de papel de carta, bilhetinhos de caderno e bilhetes de geladeira. Encontrei um que dizia: "tive que sair mais cedo, eu te amo". Cartas dos meus melhores amigos dizendo que sentiriam minha falta quando

eu mudasse para os Estados Unidos, cartas de 12 anos atrás. Bilhetes bobos de ex-namorados, mensagens de auto afirmação "você é incrível e será um lindo dia!" e textos, rascunhos de pensamentos momentâneos e imprecisos.

Direcionei minha atenção a outra caixa, restavam inúmeras. E lá estavam, os itens mais concretos de experiência da memória: as fotos. A primeira vez que andei de bicicleta, meu aniversário de um ano e meu aniversário de dezoito, meus amigos de infância e da adolescência, o primeiro dia de faculdade e o dia em que dei meu primeiro beijo. As reuniões com a família de domingo e os inúmeros passeios durante as férias de verão, as datas comemorativas, os feriados, e a última vez em que vi o meu avô. Era como se viajasse, a famosa viagem de gabinete. Em um piscar de olhos estava vivendo, revivendo cada um daqueles momentos, como se experienciasse pela primeira e última vez aqueles sabores, cheiros, sentimentos e sensações, a sinestesia de quem já viveu mas não foi capaz de esquecer.

Outra, outra e mais outra, as caixas foram desaparecendo uma a uma e me vi abrindo a próxima. Velhos, rasgados e destruídos com o impacto, meus sapatos de dança irlandesa se estendiam em minhas mãos. Foram mais que sapatos de dança, fizeram-me sustentar não só os pés, mas minha essência me libertaram a cada jump e me fizeram acreditar nos clicks. Com eles eu podia ser, respirava fundo e encarava a plateia, assim como encarava a vida, caía e levantava, continuava com as dores e cicatrizes, mas continuava, e sorria. Treinava e era disciplinada por eles, persistia e amava. Nem a tragédia me fizera pendurá-los definitivamente. Os sapatos me faziam lembrar dela, o quanto eu a amava e o quanto ela me ensinara a amar. O brilho de seus olhos a cada conquista, sua vontade de realizar o sonho e eu como eu fazia parte dele.

Sentei no chão agarrada aos sapatos por horas e jurei não me livrar daquilo. De algumas coisas certamente me livraria, mas talvez outros pudessem construir novas memórias com elas. Outras, não poderia. Elas faziam parte de mim, momentos importantes que foram me construindo e desconstruindo nos discursos da vida. Não, não eram todas felizes. A tristeza é parte de nossa identidade, forma nossas cicatrizes e por causa dela muitas coisas aparecem. Amor, afeto, força de vontade, confiança, fome, esperança e até alegria. Estava ficando tarde e os alunos me esperavam no cursinho. Era segunda e eu não estava cansada.

Janaina Coriolano

Queimo cada memória

Fazendo dessa fumaça tóxica
O que é te ter em mim
Voar
Vá ser tragado
Engolido
Respirado
E absorvido
Em outros corpos
Que tua habitação
Parasita e cruel
Faço questão de expulsar
Que cada célula
Que um dia recebeu teu toque
Se dissipe
Morra
Transpasse
E se despeça de mim logo
NÃO faça mais de mim teu lar.
Pegue o amargo
O doce
E o quente
Que hoje mesmo você irá se mudar.

Maria Eduarda Cardoso

Ilustração por Gabrielle Marcelino

Mergulharam juntas
Sem medo de se afogar
E cada vez mais ao fundo
A imensidão as engoliu
As ondas como nocautes
Tão fortes para derrubar,
Mas
A alma continuava enxuta
Forte e ao mesmo tempo serena
Tranquila dançando com o vento.
Os fios oscilavam e
Apesar de tudo
Você escolheu ficar.
Feridas talhavam no peito
Lágrimas de sangue rente a pele
Vociferavam palavras que seriam esquecidas
Protestavam injustiças
Exigiam respeito
Labutavam pelo amor,
Mas
Sem retorno.
A correnteza regressava vazia
Opaca
Quase frívola
Mas nunca se rendiam,
Pois o resquício de fé
Ainda crepitava
E desistir
Não faz parte.
O menosprezo dos olhos
Dos olhos mais próximos e habituados
A dor da falta
Da falta de empatia
O romper do silêncio
Que agora já não mais sucedia
As fazia desesperar.
O desespero que carrega loucura
A loucura que mancha
Que perturba e afoga
Que não alivia
Mas se conformar
Não faz parte.
Os gritos que envolvem o eco
As mãos que já não existiam mais para acalantar
Os sorrisos que quase desvaneciam da memória.
Férteis são aqueles que conseguem manter
E reviver quantas vezes necessário
Para cravar o que já não é o presente
Mas esquecer
Não faz parte.

Camila Melare



**En
tran
çar
o
mar**

Retentiveness

One afternoon, she sits beside me.

Sighing softly, I say nostalgically:

"Do you remember that day we sat together in a park and you gave me an orange leaf you found beside your feet?"

She doesn't.

After that, we sit silently.

Looking ahead, she explains offhandedly:

"It happened so long ago, I can't remember that at all, love. After all this time, do you still have the leaf?"

I do.

There are so many things in my memory.
So many little moments of my days,
fragments of my life that for the life of me,
unfortunately,
I cannot throw away into my mind's abyss.

There are so many things inside of me.
So many memories of other people's actions,
things that they have so casually,
dismissively,
been able to leave behind and not carry.

Months later, we stand in silence.
Between sobs, I say hopefully:
"Do you remember that night we lay together in my bed and you held me and told me you'd always love me?"

She doesn't.

For a while, we stand there awkwardly.
Looking down, she says uncomfortably:
"It's been going for too long, this isn't gonna work at all, love. We need to leave it all behind, do you understand me?"

I do.

There are so many things I can still see.
So many painful memories of us together,
moments that I so carefully,
pathetically,
kept protected inside my heart so gently.

There are just too many things weighing down on me.
So many torturous tokens I want to throw away,
things that she has so easily,
almost cruelly,
left me alone with for eternity.

To the ones who can forget so effortlessly,
from the one who can't help but remember:
How do I walk through that park's street
and nonchalantly
let the wind carry away that orange leaf?

Ana Almeida



Ilustração por Allan Douglas

Devaneios e borboletas

Deixo-a me levar,
lembro e relembro.

Solta no ar,
memória que aflora meu sonhar

Sou papel com escrita,
meus olhos observam o ofuscado
e memorizam meu passado
fotografando cada momento.
Eternizando cada sentimento

Como um filme, compadeço-me de minhas dores,
com lágrimas, me banho de histórias
e com vidros estilhaçados
Escorre meu sangue. Envenenado

Há dores e esperanças
borboletas em forma de lembranças,
Colorindo minhas retinas,
como pequenas bailarinas a saltitar pela linha
tênue do meu inconsciente

Como um belo cisne,
voo em minha mente
Abro minhas asas, independente,
sigo a buscar minhas respostas.

Pego-me a pensar,
em tudo que vivi e senti,
E, como num relance, sento-me na cadeira de
balanço.
E me entrego em devaneios loucos a procura do
meu lugar.

Maria Clara Catini

Voe alto, mulher

sentada na janela do tempo
o sol fecunda o horizonte
exalando no orvalho a claridade da aurora

dentro do coração
o sorrir vira pranto
as lágrimas um adeus

Escorre
Inunda
Alaga

quebrando as barreiras duras d'alma
a água beija a terra fértil
empalidecida a pele branca
desabrocha flores

ainda com medo
os velhos pés caminham para o mundo
não mais burilados
mas enrijecidos em fibras

Caminha
Flameja
Queima

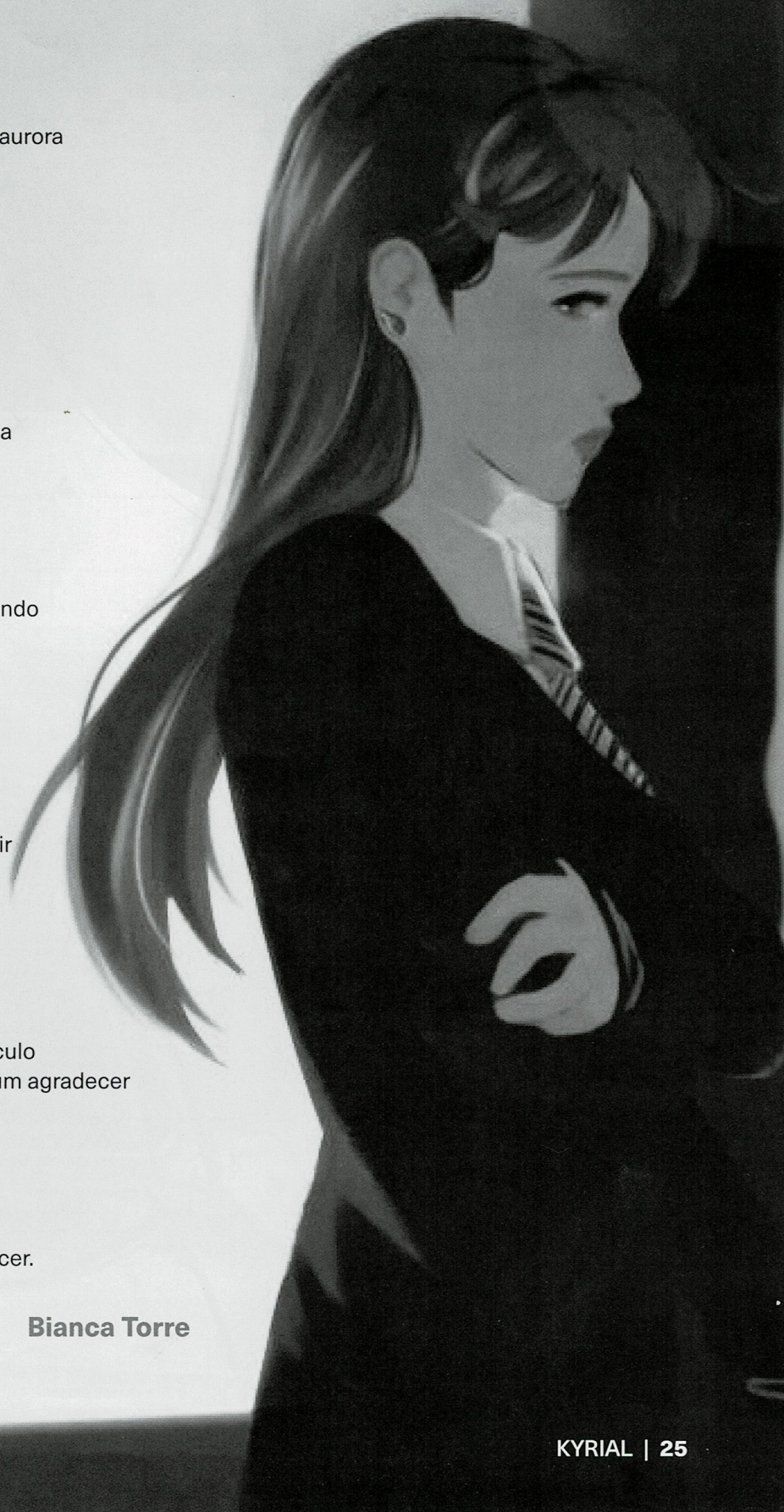
a velha alma sabe do breve despedir
abrindo os poros
faz voar suspiros de vida
vida pincelando a dor

se antes azul
hoje toda aquarela
cores brotam a margem do crepúsculo
onde as fontes frescas sussurram um agradecer

diria apenas: "voe alto, mulher"

uma ausência se demora
o sol se põe em memórias
e a despedida está pronta a acontecer.

Bianca Torre



Cold memories

Today is the first day
where there is the smell of winter in the air.
It's a fresh scent but also a sad one.
The wind and snow bring back moments
that were once passionately lived.
While the blue eyes miss those days
before you had to go,
I wish I could hold your cold hands just for once.
Lost in thoughts, surrounded by crystals,
The coldness, bitter and aching.
Warmth, spreading from a small fire,
fueled by the memories of you.

A.B.

VIAGEM

Ilustração por Miguel Rodrigues



A gente só...

SEGURA

A gente só queria sexo,
Então, não achou nexo
Em se ter tanto amor.

A gente só dormia junto,
Mas tinha tanto assunto
Que era assustador.

A gente só não era nada
Além de mais uma fachada
Para esconder a dor.

A gente só queria o doce
E, fosse como o fosse,
Negava todo amargor.

A gente só era feliz
Por saber que, por um triz,
A tristeza tem o seu valor.

A gente só não sentia frio
Pois nossos corpos, em cio,
Davam um belo cobertor.

A gente só não mais existe
Por achar que é muito triste
A despedida em cada alvor.

Allan Sacheto

Hanahaki

Ei! Você se lembra daquela Polaroid antiga que eu tinha e que a gente costumava tirar fotos juntos? Pois é, ontem eu a encontrei junto com todas aquelas fotos. Pra ser sincero, não sei o que me dói mais. Não sei se o que me dói é vê-lo sorridente nelas ou lembrar que nunca mais vai sorrir para mim.

Ei! Se lembra daquela tarde que passamos no pátio quando eu fiquei bêbado e a gente dormiu na sua casa, mas nada aconteceu porque sou um idiota? Pois é, vendo essas fotos me lembro da última chance que tive antes de perde-lô para os cravos. Naquela época as pétalas já eram visíveis, mas eu não as vi. Estava cego demais.

Estava tão cego com meu ciúme, meu orgulho, meu ego ferido, que não percebi o que estava na minha frente. E agora, vendo essas fotos, quero queimá-las. Quero rasgá-las. Quero escondê-las. Esconder de mim mesmo. Esconder-me da vergonha e da culpa que tenho. Deixei-o engasgar com os cravos que nunca lhe dei, e me sinto culpado. Mas essas fotos são minha única forma de conforto.

Por isso lhe peço desculpas, minha abelha. Desculpe-me pelo que lhe fiz. Quero-o de volta, mas não posso. Não poderia. Os cravos que eu nunca lhe dei agora machucam meus dedos, mas de que adianta? Tudo só serve para que minha dor aumente, pois já não se lembra mais de mim. Nem daquela tarde no pátio. Nem nos dias em que patinamos no gelo. Nem as discussões que não entendia. Já é tarde demais porque o fiz engasgar com os cravos que nunca lhe dei.

Ei! Já me engasgo com os lírios. Os lírios que seriam meus. Isso porque não tenho coragem de conquistá-lo de volta. Será que conseguiria? Pois, não sei. Disse-lhe que para o amor eu sou um covarde, mas não se lembra, não é mesmo? Você se engasgou com os cravos... E só agora me arrependo do que fiz. O que me restam, agora, são as fotos de um tempo que queria que voltasse. Se ao menos tivesse lhe dado aqueles cravos... Pois é. Side note: O que é Hanahaki? A doença Hanahaki é uma enfermidade imaginária causada pelo nascimento de um amor não correspondido, onde o paciente expele e tosse pétalas de flores quando eles sofrem por esse amor unilateral. Geralmente essas pétalas são das flores que o seu amor não correspondido mais gosta. A infecção pode ser removida com cirurgia, mas os sentimentos vão desaparecer junto com as pétalas. A doença também pode ser curada sem efeitos colaterais somente se os sentimentos dessa pessoa forem correspondidos.

Gabrielle Vieira Marcelino

Ilustração por Gabrielle Marcelino





Ilustração por Isa Whitaker

A importância da memória

De acordo com as bases biológicas da memória numa explicação bem simples, segundo o neurocientista Ivan Izquierdo, memória é a aquisição, formação, conservação e invocação de informações. No entanto, para esta modesta estudante de psicologia que lhe escreve, a memória é tudo isso, porém, seguindo um pensamento mais poético - ou devaneado - é também a coleção de momentos marcantes na trajetória de cada pessoa. Esses momentos podem ser bons, ruins, engraçados, interessantes, com a família, aquele melhor amigo ou seu companheiro de vida, longos ou breves, mas, definitivamente, marcantes.

As bases biológicas da memória são muitas, mas destacando as mais importantes para esta ocasião em específico, cito: a memória de trabalho: utilizada como uma ferramenta responsável por acessar informações das memórias de curto e longo prazos para determinadas situações; a memória de longo prazo: responsável por armazenar conteúdos por um longo tempo; a memória semântica: que armazena o conhecimento sobre o mundo; e a memória episódica: responsável por lembrar de acontecimentos específicos, onde geralmente é resgatado parte do acontecimento original, nos permitindo "reviver" as situações recordadas. Uma memória episódica nos marca de alguma forma. E, dentro dessa última, a memória afetiva.

Diz a neurociência que uma memória afetiva é muito mais facilmente resgatada. Além disso, ela é muito importante em termos psicológicos, para o desenvolvimento pessoal e em sociedade. Nossas memórias são responsáveis pelo nosso aprendizado, e a execução de nossa vida prática; mas mais do que isso, moldam nossa personalidade.

Pensando numa outra perspectiva, memória pode significar aquilo que nossas ações irão evocar no mundo quando pertencermos a outro plano, um legado daquilo que fomos. Isso pode trazer a reflexão de que é muito importante fazermos com que nossa existência, de alguma forma, valha a pena. Por isso, fica a dica: forme boas memórias: afetivas, de longo prazo, episódicas, semânticas, de trabalho... se lembre e se esqueça de coisas, pois isso também faz parte do processo. Viver é isso. Tenha em mente.

Mariana Calegari



Foi numa tarde chuvosa de domingo recente que eu decidi organizar arquivos guardados há anos dentro de um armário em minha casa. Entre cadernos e diários estimados há tanto tempo, havia ali uma caixa pesada bordas prateadas e uma palavra estampada em seu contorno: Kyrial. Mundo mágico, esse que embrulha histórias e num sopro repentino preenche os corredores empoeirados do nosso espírito. Neste garimpo de sensações, havia os rabiscos e croquis de como seria a primeira capa da revista. Os convites de lançamento de cada edição, um número extenso de originais enviados por cada autor, além de fotografias e divulgações feitas nos jornais da época. E as primeiras edições, todas com dedicatória dos autores em seus textos. Entregue a este golpe desonesto, eu me sentei no chão, coberto pela geografia da saudade que moldura nossa passagem. E atinge as memórias, tantas, de um passado que agora revelava um presente assombroso: embora tenha começado tímida, sem grandes ambições e fruto do sonho genuíno de dois jovens alunos apaixonados por Clarices, Nerudas e Rimbauds, a Kyrial havia se tornado uma jovem e bela senhora.

Como revista que se erigiu em tantas mãos, de forma saudosa volto aos mestres que, de alguma forma, contribuíram naqueles anos iniciais. Foram muitos. Foram grandes. Foram vitais. Eu me lembro de ter me apaixonado pelo Brasil em uma aula da professora Tereza de Moraes. Era uma aula solar, porque a claridade que entrava pela janela, penetrava as cortinas envelhecidas da sala e se espalhava na mesa pesada e de madeira antiga que ela sempre ocupava. Essa luz tocava um lugar do coração que eu desconhecia. Aquela claridade que abraçava os sentidos da alma...

No varal dos afetos, eu me recordo com emoção do amor inabalável da Graciema Pires Therezo, um baluarte em seu ofício apaixonado. A manhã em que ela declamou o vasto sertão roseano esquadrinhou corações endurecidos. Ali, eu vi jorrarem fontes de encantamento e sensibilidade.

Também preservo com gratidão os muitos

ensinamentos de Nair Leme Fobé. E guardo com inestimável carinho as recordações que nossa convivência ofertou. Entre elas, o manuscrito de uma tradução que ela verteu para o Inglês de um conto que publiquei em livro na época. Uma tradução lindamente poética e superior ao texto original. Ao longo dos anos, Fobé também me presenteou com três edições antigas de clássicos da literatura americana, editados pela Penguin Books. As folhas amareladas revelavam sua trajetória de leitura, o momento exato em que ela se apaixonou por aqueles autores. Curiosamente, havia uma pequena embalagem da Kopenhagem dentro de *Seize the day*, do Saul Bellow, numa edição de 1965. Sempre imaginei que, para ela, aquele meio amargo setenta por cento cacau seria o bliss de Bertha Young, tão prazeroso quanto o título do livro que a guardava. As lembranças deixadas por suas aulas de literatura inglesa atingem o oceano mais profundo do meu coração, aquele lugar que só conhecemos quando mergulhamos na poesia de Auden, Frost e Shakespeare. Um dia, Fobé disse que ela mesma iria comprar as flores. No caminho, descansou em um jardim perfumado de gardênia e jasmims de Emily Dickinson.

E havia Maria de Fátima Amarante, que carregava um universo dentro de si. Era o cinema mais cool. O filósofo mais contemporâneo. O disco mais genial do momento. O mistério da semiótica e o horizonte infinito da linguagem. Uma inspiração, um presente da vida. Fátima era o mundo.

Revisitar esta caixa de memórias também revelou em mim um pedacinho de Freitas Valle, o grande mecenas do modernismo resgatado no livro de Marcia Camargos que tanto nos inspirou. Com ele, entendi que a existência humana se traduz e se completa na plenitude da arte. Talvez por isso, como ele, eu tenha trocado o sul, onde nasci, pelo caldeirão efervescente de São Paulo, cidade da Villa Kyrial. Acho que busquei contornos mais bonitos nesta vida de pequenas rachaduras. E verti em persistência os muitos sentidos que transbordam a dureza do tempo.

Após dez anos de lançamento da primeira edição, o que restou não foi apenas uma caixa de papéis e belas recordações. Certamente, ficaram as lembranças mais generosas que um aluno de Letras poderia preservar. Nas minhas memórias mais sutis, estão as cores de alegria, medo e realização daquele cinco de outubro de dois mil e sete, quando lançamos o primeiro número da revista. E aquela sensação de ter, de alguma forma, plantado uma sementinha fértil em corações abundantes.

Parabéns por sua primeira década, Kyrial. Você construiu uma linda história.

Marcelo Mantovani

Marcelo Mantovani foi idealizador e editor das três primeiras edições da revista, ao lado da amiga e parceira em projetos culturais, Flávia Alessandra Alves. Carrega um orgulho imenso por todos os editores, diagramadores, professores, colegas de sala, diretores acadêmicos, alunos e autores que ao longo deste caminho contribuíram para a continuidade desta publicação.

Caixa de memórias

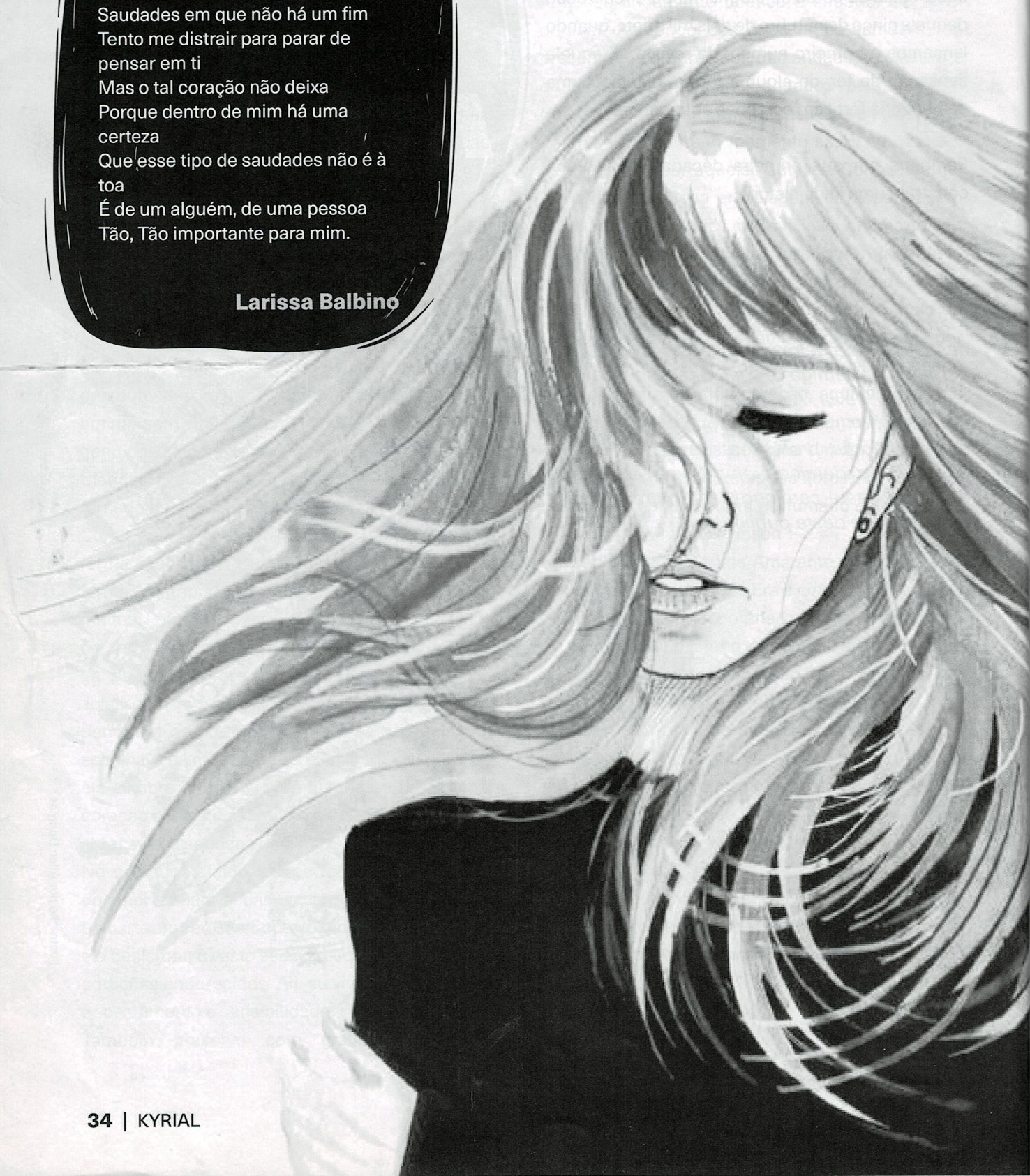


Ilustração por Allan Douglas

Saudades

Sinto saudades
Saudades que não cabe no peito
Saudades do meu nego
Saudades em que não há um fim
Tento me distrair para parar de
pensar em ti
Mas o tal coração não deixa
Porque dentro de mim há uma
certeza
Que esse tipo de saudades não é à
toa
É de um alguém, de uma pessoa
Tão, Tão importante para mim.

Larissa Balbino



Teoria dos mundos

Gotas de chuva caíam do céu cinzento. Quando encostavam no vidro se misturavam e se separavam, criando caminhos e se perdendo, para nunca mais serem vistas do mesmo modo novamente. Iriam virar uma poça e eventualmente sumiriam, talvez evaporadas ou absorvidas pelo solo, mas o que importava para mim era aquele momento em que estavam ali, na janela do carro, traçando a rota que eu acompanhava com a ponta do dedo.

Fiquei assim o caminho inteiro, seguindo a dança que a chuva fazia ali na minha frente. Uma cena hipnotizante, ao mesmo tempo passageira e eterna, capaz de alterar minha percepção. Naquele instante tudo ao meu redor se anulou e o meu universo era feito de apenas três coisas: eu, a janela e a chuva. No momento em que o carro parou esse cosmos particular deixou de existir, sendo transportado para minha memória e abrindo espaço para outros mundos, fossem eles efêmeros ou eternos.

Raquel Viana

(Sem título)

Era como Pedra Lascada,
moldou-se como Mulher Revolução.

Do chão cultuava-se,
do Barroco fez-se Rococó,
e sua exagerada gentileza
chamou minha atenção.

Só de pensar dá um nó na garganta:
foi-se minha e tinha ideias iluministas.

A Iluminada só queria saber de tal:
Fraternidade,
Igualdade,
e mais do que tudo
Liberdade.

Emanuelle Caroline de Amorim

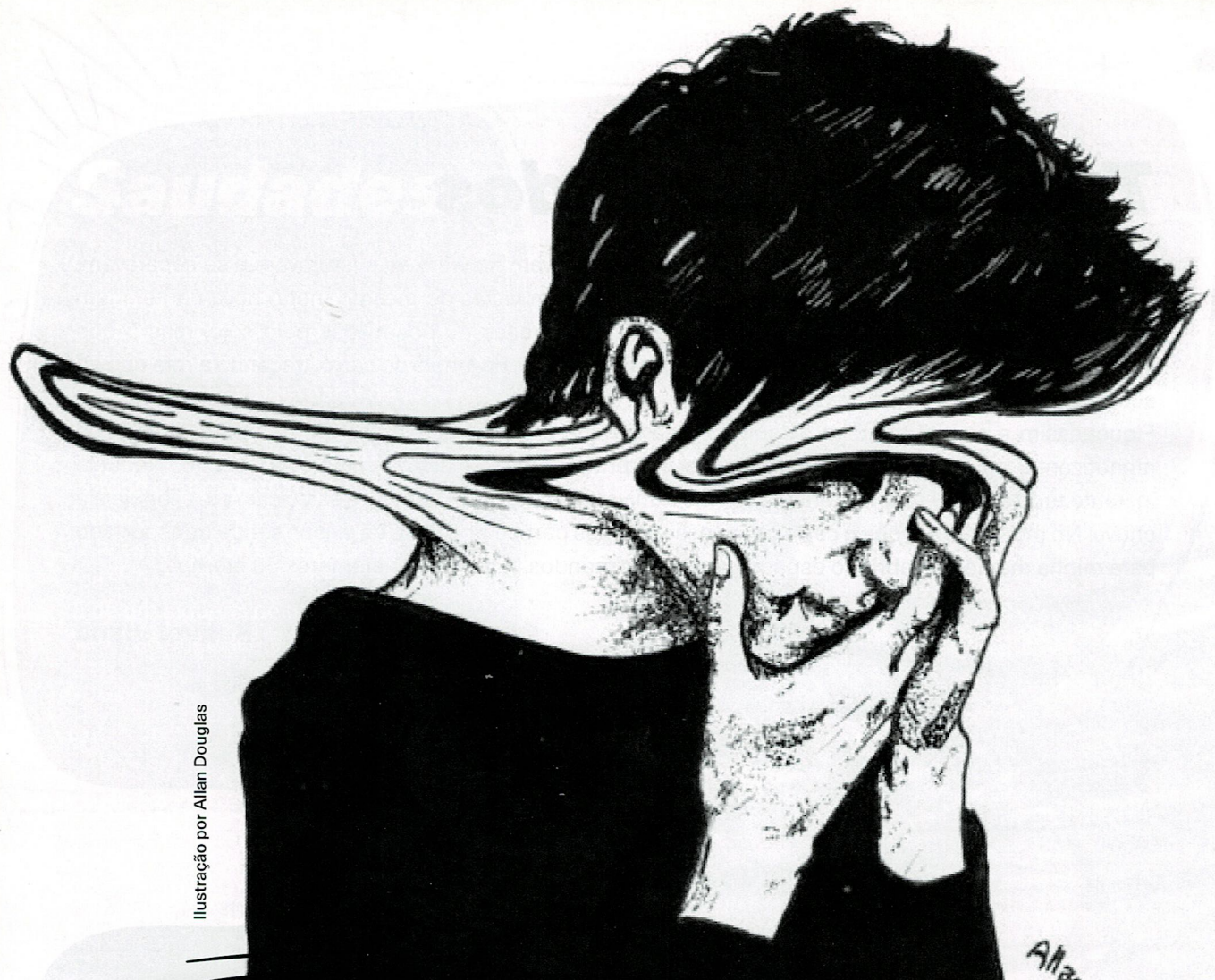


Ilustração por Allan Douglas

sobre a arte e a memória dos artistas

O ganhador do prêmio de Melhor Ator do Oscar de 2017 foi o ator estadunidense Casey Affleck por sua atuação no filme *Manchester a Beira-Mar*. A premiação do ator levantou uma séria polêmica devido ao envolvimento do artista em dois casos de abuso sexual no início da década de 2000, que questionam a validade do prêmio dado ao ator. E tais questionamentos se tornam ainda mais sérios quando notamos que muitos escritores que fazem parte do cânone literário estiveram em situações semelhantes, Edgar Allan Poe se casou com uma menina de 13 anos, ato que se constituiria claramente pedofilia nos dias de hoje, e José de Alencar defendeu em mais de uma ocasião a manutenção da escravidão em cartas públicas ao Imperador D. Pedro II.

Tais situações vistas sob nosso olhar no século XXI levantam uma série de questões sobre a ideia da arte e sua conexão com os artistas. Deve haver a total dissociação do artista e sua obra? O quanto a vida e as memórias do artista devem influir sobre a recepção da obra? As ações do artista podem ou devem desqualificar a obra? Quais são os critérios para a tolerância? Temos na revista a opinião de duas autoras que irão dialogar sobre esse assunto e suas possíveis implicações no campo do cinema, literatura e das artes em geral.

texto

A cultura pode ser definida como práticas sociais que partilhamos enquanto uma sociedade, códigos que se posicionam diretamente ligados ao contexto histórico, social, temporal e geográfico e, por isso, estão em constante transformação. A cultura que nos rodeia também nos forma enquanto sujeitos e, por sua vez, a cultura pop que abrange filmes, programas de TV e séries tem responsabilidade na formação identitária dos indivíduos que, através da realidade alternativa, são influenciados na forma de perceber a concretude e o que se entende como "normal".

O ator Casey Affleck ganhador do Oscar de melhor ator em 2017 pela sua performance no filme Manchester à Beira-Mar, teve sua indicação e nomeação ao prêmio questionada por alguns colegas de trabalho e também pela imprensa que revisitou dois escândalos do seu passado: os dois casos de assédio sexual cometidos em 2010 pelo ator hollywoodiano, que acreditou ter apagado da memória de todos devido a um acordo extrajudicial realizado.

Affleck seguiu normalmente com sua carreira e não teve nenhuma dificuldade em continuar realizando trabalhos no cinema. Esse não é o primeiro caso e, infelizmente, não será o último. É possível citar inúmeras personalidades reconhecidas envolvidas em casos como este em questões de segundos: Johnny Deep, Michael Fassbender, Christian Bale, Mel Gibson, etc.

Podemos perceber a institucionalização que sofrem tais atitudes, caracterizantes de um comportamento machista e misógino, sendo aceitas e aprovadas pela sociedade e pela academia hollywoodiana que reproduz esses mesmos discursos. Talvez não em alto e bom som, mas através do silenciamento que, de forma mais sutil, reforça um discurso dominante. Retoma-se o tema da cultura, especificamente, a do estupro que se estabelece como esse conjunto de códigos sociais que incentivam, legitimam e banalizam o comportamento violento e abusivo dos homens diante das mulheres. Essas práticas

compreendem desde o abuso e o assédio sexual até violências não tão reconhecidas como a culpabilização da vítima e a romantização de abusos em músicas, novelas e filmes.

Refletir sobre a dissociação entre a arte e seu artista é pensar sobre quem e quais discursos nos representam e entender que em nossa sociedade já não se aceitam mais tão facilmente esses discursos nocivos. Esse posicionamento também precisa ser tomado com relação às produções passadas como, por exemplo, os textos literários considerados canônicos. Ao fazermos o exercício de revisitá-los e reinterpretá-los, adicionando críticas e novos olhares à obra estaremos atualizando-a e ressignificando-a. Apesar de algumas mudanças, ainda caminhamos a passos tímidos e, por isso, ainda estamos aqui, estabelecendo críticas às produções realizadas e reivindicando posicionamentos e novas formas de se fazer e de se pensar a arte.

Ana Paula Ricci



Ilustração por Felipe Lima

A conexão entre arte e artista

Desde sempre os homens buscaram instrumentos e métodos para melhor compreenderem a manifestação artística. No século XIX, no caso da literatura, Sainte-Beuve (1804-1869) usa o método chamado biográfico, pois busca explicar a obra pela vida de seu autor. Nesse sentido, o crítico há de formular-se uma série de perguntas que, respondidas, farão luz sobre a intimidade do escritor e, por fim, sobre o substantivo de sua obra. Compreende-se que a utilização desse método, no referido século, constitui um progresso crítico, pois o juízo resultante desse empenho fundamenta-se, como o tradicional, no gosto e no dogma, porém é diferente porque não é cego, mas iluminado por um esforço prévio de compreensão. No entanto, convém advertir aos estouvados, aos que opinam sem pensar, que os quilates de um produto literário nada têm a ver com as incidências biográficas do seu criador.

O método biográfico, assim como outras tentativas de compreensão da manifestação literária no século XIX, fundamentaram-se, sobretudo, nas condições pré-textuais e muito contribuíram para o entendimento do fenômeno literário, haja vista a metodologia de ensino das literaturas, que priorizou até recentemente as condições históricas e os dados biográficos dos autores para ensinar literatura. Felizmente, a crítica moderna trouxe uma contribuição mais efetiva, embora radical em seu princípio, pois excluía qualquer componente pré ou sub textual e explorava somente o texto, dissociando o produto final de seu autor e das condições sociais e históricas subjacentes. Atualmente esse radicalismo foi superado e a crítica sugere que haja um esforço conjunto das condições pré, sub e textuais para a melhor compreensão do fenômeno literário. Justamente esse esforço conjunto é que possibilita enquadrar e aceitar os autores citados – Edgar Allan Poe e José de Alencar –

no cânone literário. Esse esforço é empregado para a compreensão, pois a conseqüente valoração considera essencialmente o produto do artista: a obra, utilizando critérios técnicos e objetivos para validar a literariedade do texto. Quanto ao ator Casey Affleck e o prêmio recebido, ainda se localizam no âmbito da arte, agora não mais da palavra escrita, mas da interpretação. Transferindo os conhecimentos da atividade crítica da literatura para a interpretação, pode-se considerar legítima a premiação, uma vez que ela atende aos critérios da atividade profissional do ator e não das condições de vida privada do ser humano que a representa. Nem por um momento sequer o que aconteceu entre o homem Casey Affleck e as mulheres que ele assediou pode ser considerado aceitável e ser premiado, o que ocorreu é execrável e ele deve ser punido por essas atitudes inaceitáveis, infelizes e inapropriadas. Mas a punição deve ser feita pela lei, que representa a sociedade e seus valores, e aplicada ao homem. A punição não pode vir da academia, que avalia a arte da interpretação do ator profissional. Parte-se do pressuposto de que a academia aplique critérios técnicos e objetivos para avaliar a interpretação dos indicados ao prêmio máximo. Se a avaliação fosse subvertida, desconsiderando a arte e aplicada ao artista, não poderíamos aceitar a esplêndida produção artística de Poe e Alencar. A recepção é da arte e não da vida social e biográfica do artista.

Tereza de Moraes

LA CONQUISTA
DE LA
FELICIDAD

